

# Comentário sobre o texto “Som de Rádio”, de Tim Wall

## Daniel Gambaro

Doutor e mestre em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Vice-líder do MídiaSon – Grupo de Estudos e Produção em Mídias Sonoras (ECA/USP) e membro do NER – Núcleo de Estudos do Rádio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS).  
E-mail: d.gambaro@outlook.com

O texto de Tim Wall é um bom exemplo daquele tipo de produção acadêmica que, ao colocar em diálogo pressupostos distintos, alguns inclusive bem conhecidos, nos faz pensar além das ideias há muito galvanizadas. Nos instiga a refletir sobre o conhecimento já produzido sobre um tema – nesse caso, o rádio –, mas a partir de perspectivas que ampliam o leque de argumentações possíveis. O próprio título do artigo, *Radio Sound*, carrega uma série de conotações que pretendo discutir brevemente nas próximas linhas.

Antes, entretanto, é preciso entender um pouco melhor o perfil do autor. Tim Wall é professor da escola de mídia da Birmingham City University, onde foi, também, diretor do Birmingham Centre for Media and Cultural Research. A formação do professor Tim Wall está largamente relacionada aos Estudos Culturais da Universidade de Birmingham, instituição na qual titulou-se mestre (1991) e doutor (1999). Percebemos como tais influências marcam boa parte de seus trabalhos, como, por exemplo, o artigo que a **Novos Olhares** agora apresenta. Esse texto, inclusive, adentra tanto seu foco de pesquisa corrente – as culturas de produção e consumo que abarcam a música popular, o rádio e outras mídias – como os focos anteriores, em que se dedicou à utilização da tecnologia para soluções criativas voltadas às indústrias musical e radiofônica; e como importantes culturas regionais emergem a partir da articulação dessas indústrias. Tim Wall já publicou mais de 50 trabalhos sobre esses temas, incluindo livros, capítulos e artigos em periódicos, e já participou de uma quantidade similar de palestras e eventos com essa temática. No final dos anos 1990, junto a outros acadêmicos, fundou a Radio Studies Network, organização de pesquisa de rádio do Reino Unido dedicada a revisitar os estudos do rádio, repensar sua história e epistemologia, e propor novas direções.

Esse histórico de formação e pesquisa é a primeira chave para compreendermos por que o título, “Radio Sound”, é tão relevante: ele nos direciona a alguns sentidos e, na tradução para o português, exige algumas explicações. A tradução direta, utilizada no título do artigo, é “som de rádio” ou, a depender do contexto, “som do rádio”. Em um primeiro sentido, trata-se de um som produzido por um conjunto de aparatos técnicos e que se incorpora ao mundo sonoro cotidiano de quem o ouve.

No corpo do texto, entretanto, optamos por padronizar a tradução como “som radiofônico” por duas razões, a primeira delas muito simples: dá maior fluidez ao texto e facilita a leitura. A segunda, entretanto, deriva de nos atentarmos a um segundo e mais relevante sentido: o adjetivo “radiofônico” parece se alinhar melhor à proposta de Tim Wall, pois serve para caracterizar o som produzido pelo rádio *enquanto instituição*. E é esse som institucionalizado que interessa ao autor discutir, como ele deixa claro em seu texto, e não um programa ou programação isolados, ou mesmo uma característica essencial do meio, seja ela técnica ou textual.

O autor afirma, de partida, que o rádio deve ser estudado como um “enculturated sound”, ou seja, um som culturalmente assimilado, para ser mais preciso em nosso idioma. Mas assimilação cultural é dependente, como podemos imaginar, de cada contexto a ser analisado, variando principalmente de região a região. Daí a outra ênfase dada pelo autor, sobre o som “nacionalmente institucionalizado”: ao tomar como objeto de análise, por comparação, as institucionalizações do rádio no Reino Unido e nos Estados Unidos, Tim Wall nos orienta a perceber como as dinâmicas

históricas dessas nações condicionaram a prática de produção e consumo de rádio de maneiras distintas. O som radiofônico, nesse sentido, não se exclui da vida cotidiana, pelo contrário: ele deve ser sempre observado dentro desse sistema complexo da cultura.

Quando o autor fala de institucionalização do rádio ele está, por sua vez, remetendo à recorrência das práticas que constituem o conhecimento sobre o rádio, tanto empírico como acadêmico. Tais práticas são, em primeira instância, discursivas, no sentido apresentado a nós por Foucault (1981). É por meio da regularidade da prática, sua cristalização em objetos, enunciados e conceitos, que se institui o conhecimento que serve, então, como lastro da própria atividade cultural.

Andrew Dubber, outro acadêmico britânico e com quem Tim Wall colaborou em alguns textos, segue a mesma linha de argumentação. Considera, então, que o rádio é um conjunto de práticas discursivas combinadas em conceitos e estratégias, e, portanto, “rádio” é e será aquilo que falamos sobre ele (Dubber, 2013, p.13). Para Dubber, ao invés de tentar buscar uma ou outra essência que descreva o rádio, é mais profícuo considerar “categorias de atributos” que servem para falar sobre o rádio sem de fato defini-lo como algo preciso e estanque, por exemplo: os dispositivos físicos, as formas de transmissão, o texto e os subtextos etc. Em conjunto, os atributos que um pesquisador escolhe para sustentar seus argumentos sobre o rádio acabam, em última instância, se referindo não apenas a um objeto, formato ou instituição, e sim àquilo que, de fato, permeia o cotidiano das pessoas: o som radiofônico.

Em certo sentido aplicando aquilo que pode ser um aporte metodológico fornecido por Foucault, Tim Wall descreve, em *Radio Sound*,

o conjunto das condições que regem, em um momento dado e em uma sociedade determinada, a aparição de enunciados, sua conservação, os laços que são estabelecidos entre eles, a maneira pela qual os grupamos em conjuntos estatutários, o papel que exercem, o jogo dos valores ou das sacralizações que os afetam, a maneira pela qual são investidos em práticas ou condutas, os princípios segundo os quais circulam, são recalçados, esquecidos, destruídos ou reativados. (Foucault, 1981, p. 25)

A descrição que Tim Wall nos apresenta é calcada em uma crítica contundente a cânones da pesquisa – em especial da pesquisa histórica sobre o rádio britânico. O autor percorre análises históricas do meio para demonstrar como essas abordagens, muitas vezes, deixam de lado o ouvinte de rádio em favor de uma ênfase na produção e nos aspectos técnicos. Assinala, ainda, um problema em tais recortes: privilegia-se, nas análises, um tipo textual que não é o dominante em boa parte da história – os formatos falados – e esquece-se que o som radiofônico está muito mais baseado na música que o rádio produz e reproduz. Coincidentemente, a historiografia do rádio brasileiro tende a realizar ênfases semelhantes. Tal crítica nos leva a afirmar que “som radiofônico” se mostra como um conceito que está, portanto, acima das limitações protocolares a que usualmente recorremos para descrever o rádio, isto é, como tecnologia, como uma forma econômica e política (“a” rádio como sinônimo para estação), como organização de textos (programação de rádio) etc.

Outra conotação da terminologia escolhida pelo autor é, talvez, ainda mais instigante. A palavra “sound”, do modo como foi usada, também remete à ideia de “identidade sonora”, isto é, a forma pela qual o rádio é reconhecido pelas pessoas. Podemos exemplificar a aplicação desse sentido em dois momentos do texto: ao comentar sobre as rádios do estilo Top 40 e a implementação do “total station sound” e, ao falar da automatização da montagem de playlists musicais, a preocupação com o “overall station sound”. Tal qual “station sound” remete à ideia de identidade sonora, de plástica da estação, seria mais apropriado pensarmos, então, que “radio sound” significa também “a forma como o rádio soa” a um ouvinte em seu cotidiano de escuta. Novamente, a música no rádio é aspecto singular, mesmo que muitas vezes relegada a um segundo plano. Essa percepção desvelaria, ao menos no contexto brasileiro, uma outra preocupação: qual a significância do rádio ainda hoje? Como ouvir rádio soa aos ouvintes?

A resposta a essa questão deve partir de (muitas) outras pesquisas. Se seguirmos as proposições de Tim Wall, tais investigações devem acompanhar uma fundamentação historicamente estruturada como a que ele faz no texto apresentado nesta edição da **Novos Olhares**. Somente assim será possível colocar as preocupações contemporâneas em uma perspectiva histórica, sair do “calor do momento” para compreender como as pessoas, antigamente, enfrentaram problemas semelhantes com as ferramentas disponíveis e, assim, trazer luz às nossas próprias experiências. Em outro texto, Tim Wall afirma que:

nós não vamos compreender o futuro do rádio olhando para as novas tecnologias de distribuição de áudio. Nós devemos olhar para o modo como as tecnologias são adaptadas em seus usos sociais e culturais. Tecnologia nunca determina a forma do rádio, mas ela habilita certos tipos de atividade. Para entender como algo vai funcionar no futuro, é preciso estudar como funcionou no passado. (Wall, 2011, p. 42, tradução nossa)

Logo, mesmo que presente no processo de institucionalização do rádio, é preciso olhar além das tecnologias para encontrar os pontos históricos em que se definiram as práticas institucionalizadas de produção e consumo radiofônicos. Somente assim poderemos encontrar aquelas possibilidades discursivas que não se institucionalizaram na historicidade do meio e, talvez a partir daí, encontrar caminhos para pensar no futuro do som do rádio.

### Referências

Dubber, A. (2013) *Radio in the digital age*. Polity.

Foucault, M. (1981). Sobre a arqueologia das ciências: Resposta ao Círculo Epistemológico. In M. Foucault, L. C. Lima, A. S. Mendonça, M. J. Pinto & M. Guerreiro, *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Vozes.

Wall, T. (2011). Welcome to the third age of radio: understanding radio's present from radio's past. In I. Fernandez, I. Fresneda, A. Gutierrez, J. Macías, J. Muregala, A. Nerekan, & G. Toral (eds.), *Radio is dead. Long live Radio! Proceedings of the I International Conference on Audiovisual Communication and Advertising* (pp. 39-54). Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.